

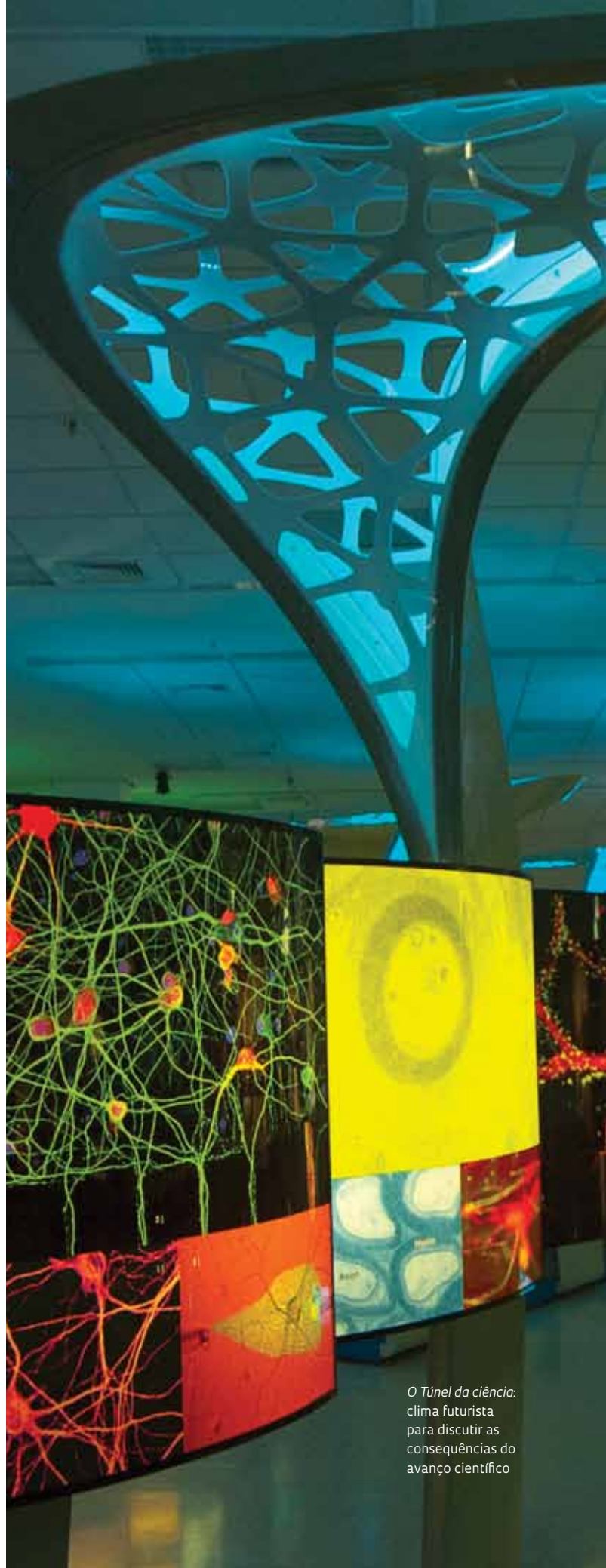
Um túnel para o futuro

Mostra alemã chega a São Paulo com descobertas científicas que podem mudar o mundo nos próximos anos

Bruno de Pierro

Uma viagem através de um túnel que perpassa os principais temas da ciência: das origens do universo às idiossincrasias do cérebro, passando pelas fontes de energia sustentáveis. Essa é a proposta da mostra global *Túnel da ciência Max Planck*, aberta ao público até o dia 21 de fevereiro no Centro de Convenções do shopping Frei Caneca, em São Paulo. Concebida em 2000 pela Sociedade Max Planck, na Alemanha, a exposição já passou por 20 países, entre eles China, Argentina, Estados Unidos e Chile, e recebeu mais de 9 milhões de pessoas em suas três versões. Esta é a primeira vez que a mostra é instalada no Brasil, como parte das atividades que celebram a temporada da Alemanha no Brasil 2013-2014.

Quando foi apresentado pela primeira vez, em 2000, na cidade de Hannover, Alemanha, o *Túnel da ciência* tinha a missão de mostrar as últimas novidades, naquele momento, da ciência básica, cuja finalidade é gerar conhecimento. Na versão que chega ao Brasil, a 3.0, a preocupação vai além da simples apresentação. “Os resultados da pesquisa básica



O Túnel da ciência: clima futurista para discutir as consequências do avanço científico



implicarão novas aplicações e produtos daqui a 20 anos. Por isso, nosso objetivo agora é fornecer ao público um vislumbre do futuro”, diz o alemão Peter Steiner, coordenador da mostra, que custou cerca de R\$ 2,5 milhões, divididos entre a Sociedade Max Planck, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e patrocinadores do setor privado.

Para Helena Nader, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entidade parceira nesse projeto, o país precisa estar mais aberto para receber, e também criar, exposições como a do *Túnel da ciência*. “A exposição cumpre o papel de intensificar o diálogo entre a comunidade científica e a sociedade, que é quem de fato financia a pes-

quisa”, diz ela. “A maioria das pessoas tem celular com GPS e outras tecnologias, mas não tem a percepção de como a pesquisa básica foi importante para se chegar a tais produtos. O *Túnel da ciência* mostra ao público que a ciência deve ser entendida como um processo”, diz Nader.

Para provocar questionamentos do tipo “qual futuro nós queremos?”, a aposta foi em um modelo de exposição que privilegia recursos tecnológicos e midiáticos para causar sensações e fomentar emoções no público, explica Steiner, que tem 22 anos de experiência na organização de mostras de ciência, com passagem pelo tradicional Museu Deutsches, em Munique. Por isso, o ambiente futurista do *Túnel*, cheio de cores e luzes, abriga atrações de todos os

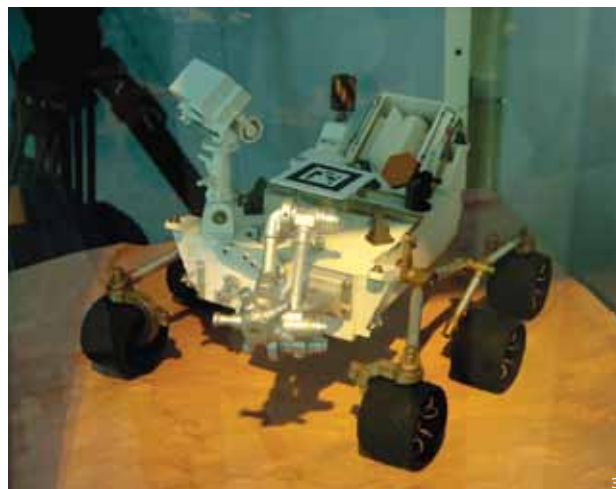
tipos: imagens, ilustrações, filmes, muitas vezes acionados por *tablets* ou *smartphones*. “A exposição não se debruça sobre o processo de ensino e aprendizagem, como em uma escola. Aqui a transmissão de informações ocorre de maneira mais lúdica”, diz Marcus Ferreira, diretor da Asas Produções, uma empresa do Grupo Asas, que organizou a instalação da exposição no Brasil.

ATRAÇÕES

Dentre as novidades da mostra está uma réplica do veículo de exploração espacial Curiosity, enviado pela Agência Espacial Americana (Nasa) a Marte em 2012. Trata-se do maior e mais complexo jipe robô já enviado ao planeta, equipado com um espectrômetro a laser e outros oito instrumentos exploratórios. A réplica é acompanhada por dois *tablets*, que ajudam a explicar o funcionamento do robô.

Outro ponto alto do *Túnel* é o Magic Mirror (Espelho Mágico), criado em parceria com a Universidade Técnica de Munique, na Alemanha. Graças à tecnologia de realidade aumentada, ele cria a ilusão de que é possível visualizar o interior do próprio corpo, como em um raio-x, indicando a posição dos órgãos humanos. Já o Millennium-Simulation





1 A complexidade do cérebro humano é tema da mostra

2 Recursos multimídia a serviço da divulgação

3 Réplica do robô Curiosity, da Nasa

4 O cientista Erwin Neher na abertura da exposição

Unifesp, por exemplo, esteve envolvido na recepção de Erwin Neher. “Ele é um dos grandes cientistas que avançaram no conhecimento do sistema nervoso, e como ele veio ao Brasil, meu grupo, que trabalha com essa mesma temática, foi escolhido para acompanhar Neher durante sua passagem por São Paulo e prestar tutoria ao público”, diz Cavalheiro.

Outra entidade que ajudou a trazer a mostra para o país é o MCTI, que destinou aproximadamente R\$ 318 mil para a contratação dos mediadores e outros gastos. Em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), o ministério elaborou uma pesquisa para avaliar a percepção dos visitantes em relação

à ciência. “Com base nessas informações, poderemos nos capacitar para criar o *Túnel da ciência* brasileira, uma versão nacional da exposição alemã”, conta Douglas Falcão Silva, diretor do Departamento de Popularização e Difusão da Ciência e Tecnologia do MCTI.

A ideia, diz ele, é que a médio prazo o Brasil seja capaz de realizar uma exposição nos mesmos moldes do *Túnel da ciência*, mas com o objetivo de apresentar os feitos da pesquisa feita no país. “O público que visita o *Túnel* deve saber que temos brasileiros que também trabalham com grandes temas científicos. Temos brasileiros nos grandes centros de pesquisa internacionais e outros que atuam aqui no país, fazendo pesquisa básica, mas desconhecidos da população em geral”, afirma Falcão. ■

mostra como o Universo seria se fosse possível observar a matéria escura que compõe 23% do espaço. Todas as atrações estão distribuídas em oito módulos temáticos, o que facilita o percurso da visita: Universo, matéria, vida, complexidade, cérebro, saúde, energia e, finalmente, sociedade.

Steiner ressalta que a mostra tem como preocupação não apenas democratizar o conhecimento. Mais do que isso, ela busca levar o público a discutir o significado do avanço científico para os próximos anos. “A exposição convida a política, a ciência e o público a se reunirem para pensar sobre a aceitação e o papel da ciência e seus avanços em nossa sociedade”, diz ele. Por esta razão, a abertura da mostra, no dia 29 de janeiro, contou com a participação de Erwin Neher, prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1991 e pesquisador da Sociedade Max Planck, que ao todo reúne mais de 5.300 cientistas e teve um orçamento de € 1,5 bilhão em 2012.

Em sua palestra, Neher falou sobre o importante papel da colaboração internacional para o desenvolvimento da ciência e sobre a necessidade de se valorizar a pesquisa básica, que, segundo ele, fornece as bases para as principais transformações tecnológicas na sociedade.

“Nosso objetivo é oferecer ao público um vislumbre do futuro”, diz Peter Steiner

“Infelizmente, as pesquisas podem levar muito tempo para que seus resultados encontrem alguma aplicação e se convertam em produtos. Por isso temos que saber antecipar, hoje, os desafios do amanhã. A ciência feita hoje molda o futuro”, disse Neher.

Uma das preocupações da organização da mostra é que a experiência do público não se resume apenas a sensações provocadas pelas atrações. É preciso que o visitante receba explicações. Por isso alunos de graduação, mestrado e doutorado da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) foram convidados a trabalhar como mediadores dos visitantes na exposição, principalmente para receber estudantes do ensino fundamental. Um grupo de alunos de Esper Abrão Cavalheiro, professor de neurologia experimental da